

Filhos de imigrantes nos Estados Unidos*

Alejandro Portes, William Haller
e Patricia Fernández-Kelly

Tradução de Melissa Mattos Pimenta

Introdução

Em 1990, quando Rubén Rumbaut e eu inauguramos um estudo longitudinal da segunda geração de imigrantes nos Estados Unidos, o campo dos estudos de imigração nas ciências sociais norte-americanas ainda não era muito popular e a maior parte dele concentrava-se nos imigrantes adultos, particularmente nos que não possuíam documentação. O motivo que nos levou a voltar nossa atenção para os filhos foi a constatação de que os efeitos de longo prazo da imigração na sociedade norte-americana seriam determinados menos pela primeira do que pela segunda geração, e que o prognóstico para esse resultado não era tão róseo quanto as teorias dominantes na época pretendiam nos levar a crer. Imigrantes de primeira geração sempre foram um grupo muito flutuante, hoje aqui e amanhã já de partida, *na* sociedade, porém não ainda *parte* dela. Em contraste, seus filhos nascidos e criados nos Estados Unidos estão nesse país, sem a menor dúvida, para ficar e, como cidadãos, estão inteiramente habilitados a ter “voz” no sistema político norte-americano (no sentido do termo utilizado em Hirschman [1970]). Portanto, o decurso de sua adaptação determinará, mais do que outros fatores, no longo prazo, o destino dos grupos étnicos gerado pelos imigrantes de hoje.

Em um artigo presciente, Gans (1992) argumentou que o futuro dos filhos de imigrantes crescendo hoje nos Estados Unidos poderia não ser tão

*Este artigo está sendo publicado simultaneamente em inglês no *Journal of Ethnic and Migration Studies* – JEMS.

retilíneo quanto as conclusões otimistas derivadas da então dominante perspectiva da assimilação. Gans notou que muitos imigrantes eram originários de classes modestas, trazendo capital humano muito escasso, que não os equipava para guiar seus filhos pelas complexidades do sistema educacional norte-americano. Em uma economia cada vez mais baseada no conhecimento, os filhos de imigrantes sem uma educação avançada não poderiam aceder a posições que lhes proovessem um passaporte para as classes médias e altas, e poderiam estagnar em ocupações manuais, mal remuneradas, não muito diferentes daquelas exercidas por seus pais. Aqueles que não se conformassem com isso em função das elevadas aspirações do estilo norte-americano levariam vidas frustradas ou, mais triste, seriam tentados a se juntar às gangues e à cultura da droga que assolam as regiões centrais das cidades norte-americanas.

Rumbaut e eu havíamos acabado de completar a primeira edição de *Immigrant America: a portrait*, de 1990, e os estudos que havíamos realizado para essa obra nos persuadiram de que Gans tinha razão – a condição dos filhos dos imigrantes de hoje precisava se tornar objeto de uma pesquisa minuciosa séria. Conseqüentemente, decidimos lançar um estudo empírico da questão, com base em uma grande amostra de estudantes da segunda geração matriculados no sistema escolar de duas das principais regiões metropolitanas de concentração imigrante – Miami/Fort Lauderdale e San Diego. Em 1992, Min Zhou e eu publicamos um artigo teórico que buscava reunir as premonições de Gans com o que havíamos aprendido até aquele momento em nossos estudos preliminares.

Nosso argumento era de que a imagem de uma trajetória de assimilação uniforme não dava conta do que efetivamente estava ocorrendo. Em vez disso, o processo havia se tornado *segmentado* em vários percursos distintos, alguns levando a trajetórias ascendentes, outros, a trajetórias descendentes. Esses resultados alternativos refletem as barreiras à adaptação encontradas pelos jovens de segunda geração nos Estados Unidos de hoje e os recursos sociais e econômicos que eles e suas famílias possuem para confrontá-las (cf. Portes e Zhou, 1992).

Em 1996, o primeiro *survey* do Estudo Longitudinal sobre Filhos de Imigrantes (ELFI) havia sido completado e analisado, e Rumbaut e eu pudemos apresentar os resultados, juntamente com uma versão mais refinada do modelo de assimilação segmentada, na segunda edição de *Immigrant America*, publicado no mesmo ano. Concomitantemente, estávamos completando o segundo *survey* de verificação do ELFI, junto com um *survey*

realizado com os pais dos nossos entrevistados. Os resultados do estudo completo constituem dois volumes: *Legacies: the story of the immigrant second generation* (cf. Portes e Rumbaut, 2001) e *Ethnicities: children of immigrants in America* (cf. Rumbaut e Portes, 2001), publicados em conjunto pela University of California Press e pela Russell Sage Foundation. A seção a seguir sintetiza o modelo teórico indicado nessas obras, revisado, como contexto para a apresentação das descobertas mais recentes, baseadas no mesmo estudo.

A assimilação segmentada: o modelo

A teoria da assimilação segmentada consiste de três partes: a) identificação dos três principais fatores exógenos em ação; b) descrição dos principais obstáculos com os quais os filhos dos imigrantes de hoje se defrontam; c) previsão das trajetórias previstas a partir da articulação dessas forças. Os fatores exógenos podem ser conceituados como os principais recursos (ou a falta deles) com os quais as famílias de imigrantes contam ao se defrontarem com os desafios externos enfrentados por seus filhos. Tais fatores são: 1) capital humano que os pais imigrantes possuem; 2) contexto social no qual são recebidos nos Estados Unidos; 3) composição da família imigrante. O capital humano, operacionalmente definido pela educação formal e pelas habilidades ocupacionais, é traduzido em competitividade no mercado de trabalho do país anfitrião e em potencial para alcançar posições desejáveis na hierarquia norte-americana de *status* e riqueza. A transformação desse potencial em realidade depende, entretanto, do contexto em que os imigrantes são incorporados. Uma recepção acolhedora ou, no mínimo, neutra pelas autoridades governamentais, uma recepção complacente ou pelo menos não hostil por parte da população nativa e a existência de redes sociais com comunidades co-étnicas bem estabelecidas e prósperas abrem caminho para a possibilidade de se pôr em uso quaisquer credenciais ou habilidades que tenham sido trazidas de fora.

Inversamente, uma recepção hostil pelas autoridades e pelo público, bem como uma comunidade co-étnica fraca ou inexistente impõem desvantagens aos imigrantes e dificultam-lhes a tradução de seu capital humano em ocupações compatíveis ou a aquisição de novas habilidades ocupacionais. *Modalidades de incorporação* é o conceito utilizado na literatura para se referir a essas diferenças tripartites (governo/sociedade/comunidade) nos contextos de recepção de recém-chegados (cf. Portes e Rumbaut, 2001; Haller

e Landolt, 2005). Por fim, a composição da família imigrante também provou ser extremamente significativa na determinação do futuro da segunda geração. Casais que permanecem unidos, famílias estendidas em que avós e irmãos mais velhos detêm um papel importante na motivação e no controle dos adolescentes possuem um peso significativo na promoção de assimilações ascendentes. Contrariamente, famílias desfeitas, em que um único provedor se esforça para enfrentar demandas conflitantes, dispensando pouca ou nenhuma atenção aos filhos, têm o efeito exatamente oposto (cf. Zhou e Bankston, 1998; Kasinitz *et al.*, 2001; Portes e Rumbaut, 2001).

A Figura 1 resume graficamente essa discussão, descrevendo tanto as distintas trajetórias adaptativas como os determinantes-chave da assimilação segmentada. Contrariamente a algumas interpretações errôneas do modelo (a serem discutidas a seguir), a Figura torna claro que existem diversas possibilidades de adaptação, incluindo a assimilação ascendente com base em capital humano parental ou social, estagnação em ocupações servis na classe trabalhadora ou assimilações descendentes em direção à pobreza, ao desemprego e a estilos de vida desviantes. As duas últimas opções são mais comuns entre os filhos de imigrantes pobres e mal recebidos, incluindo, particularmente, aqueles que chegaram sem estatuto legal.

FIGURA 1
Trajelórias de Mobilidade Através das Gerações: Um Modelo

DETERMINANTES	PRIMEIRA GERAÇÃO	SEGUNDA GERAÇÃO	TERCEIRA GERAÇÃO OU MAIOR
CAPITAL HUMANO	Aquisição do <i>status</i> de classe média com base no capital humano parental.	Ocupações profissionais e empreendedoras e aculturação total.	Integração completa no <i>mainstream</i> social e econômico.
COMPOSIÇÃO FAMILIAR	Ocupações dos pais nas classes trabalhadoras e comunidades co-étnicas fortes.	Aculturação seletiva*; obtenção do <i>status</i> de classe média por meio de credenciais educacionais.	Aculturação total e integração no <i>mainstream</i> .
MODALIDADE DE INCORPORAÇÃO	Ocupações dos pais nas classes trabalhadoras e comunidades co-étnicas fracas.	Aculturação dissonante** e baixo êxito educacional.	Estagnação em ocupações manuais subordinadas; assimilação descendente em estilos de vida desviantes.

* Definida como preservação da língua e dos elementos da cultura dos pais, juntamente com a aquisição dos costumes ingleses e norte-americanos.

** Definida como rejeição da cultura dos pais e rompimento das comunicações entre as gerações.

As barreiras enfrentadas por filhos de imigrantes também podem ser resumidas em três: 1) racismo; 2) mercados de trabalho bifurcados; 3) existência de estilos de vida desviantes alternativos, baseados em gangues e tráfico de drogas. Pelos padrões norte-americanos, a maioria da segunda geração de imigrantes atual é de não-brancos, formada por filhos de pais mestiços, negros, mulatos e asiáticos, cujas características físicas os diferenciam da maioria branca dominante norte-americana. Os cientistas sociais sabem que a raça e as características raciais não têm significado intrínseco. Seu significado lhes é atribuído no decorrer das interações sociais. Em um ambiente racialmente sensível como o da sociedade norte-americana, os traços físicos adquirem grande importância, podendo afetar e, algumas vezes, até mesmo determinar as oportunidades de vida dos jovens. Os filhos de pais negros ou mulatos encontram-se particularmente em situação de desvantagem, dado o caráter da hierarquia racial norte-americana (cf. Geschwender, 1978; Wilson, 1987; Massey e Denton, 1993).

Com o desencadear maciço da desindustrialização e o advento da economia baseada em serviços, o mercado de trabalho nos Estados Unidos tem se tornado progressivamente bifurcado em uma camada superior de ocupações baseadas em conhecimento, que requerem habilidades de informática e educação avançada, e uma camada inferior de ocupações manuais, que requerem pouco mais do que força física. Essa bifurcação representa o fim da estrutura piramidal anterior de ocupações industriais não qualificadas, semiqualficadas e qualificadas, que serviam tão bem para promover a mobilidade intergeracional dos imigrantes europeus predecessores e seus descendentes (cf. Bluestone e Harrison, 1982; Wilson, 1987; Loury, 1981).

O novo mercado de trabalho em formato de “ampulheta”, criado pela desindustrialização e pelo advento de uma economia baseada no conhecimento, tem sido acompanhado pelo crescimento da desigualdade econômica, transformando os Estados Unidos de uma sociedade relativamente igualitária em uma sociedade na qual as disparidades de renda e riqueza têm se aproximado dos níveis do terceiro mundo (cf. Freeman, 2007). Para os novos ingressantes na força de trabalho, incluindo os filhos dos imigrantes, essa rígida bifurcação significa que eles precisam adquirir, *no decorrer de uma única geração*, credenciais de educação avançada que os descendentes dos europeus levaram muitas gerações para alcançar. De outro modo, suas chances de realizar suas aspirações de vida estariam severamente comprometidas, uma vez que existem poucas oportunidades entre as ocupações manuais mal remuneradas que a maioria dos pais imigrantes detém e os

altos e bem remunerados cargos nos negócios, na saúde, no direito e na academia que esses pais ardentemente desejam para seus filhos. Sem a custosa e demorada conquista de um grau universitário, tais sonhos muito provavelmente permanecerão inatingíveis (cf. Hirschman, 2001; Massey e Hirst, 1998; Freeman, 2007).

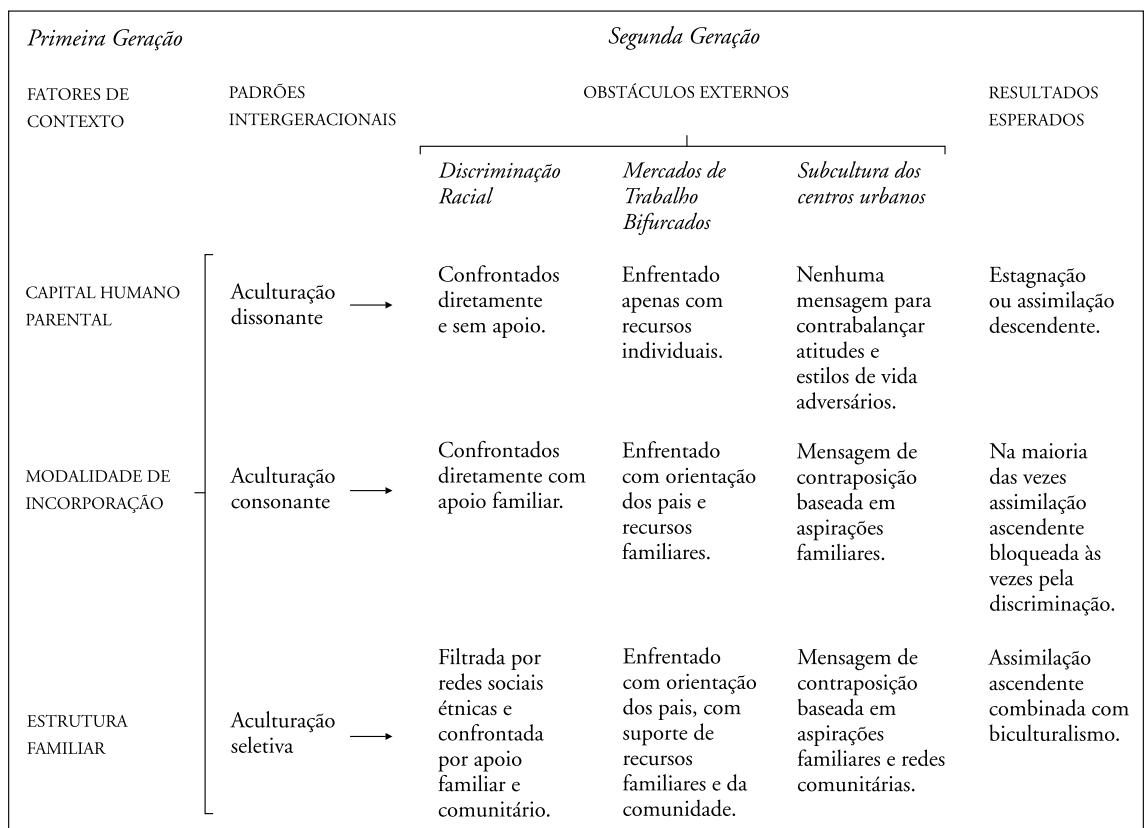
O fracasso em ascender do ponto de vista educacional e ocupacional na segunda geração carrega um risco adicional. Sob circunstâncias “normais”, os jovens que não conseguem percorrer o sistema educacional poderiam se mover lateralmente, assumindo posições comparáveis àquelas ocupadas por seus pais. A falta de mobilidade intergeracional e a estagnação da segunda geração em ocupações proletárias efetivamente ocorrem, e podem muito bem ser o percurso normativo para os filhos de imigrantes em situação de desvantagem social, em função do baixo capital humano dos pais e das modalidades de incorporação negativas (cf. Perlmann, 2004; Lopez e Stanton-Salazar, 2001; Rumbaut, 1994, 2005). Uma alternativa ainda menos desejável recai sobre jovens que, insatisfeitos com a possibilidade de fixar-se em ocupações mal pagas e sem perspectivas por toda a vida, voltam-se para alternativas prontamente oferecidas por atividades desviantes ou por gangues organizadas. Estudantes freqüentadores de escolas nas regiões centrais mais empobrecidas são regularmente expostos a essas alternativas, que expressam o fascínio por lucros rápidos e um estilo de vida “maneiro”, contornando os canais de mobilidade correntes, ocupados predominantemente por brancos. A ilusão se traduz, para muitos, em uma vida de violência, uso de drogas, cumprimento de penas e até mesmo morte prematura (cf. Vigil, 2002; Anderson, 1993). Esse tipo de trajetória foi denominado *assimilação descendente* porque o aprendizado e a introjeção dos valores culturais norte-americanos não levam esses jovens à mobilidade ascendente, mas precisamente ao oposto (cf. Fernández-Kelly e Konczal, 2005).

A interação entre os fatores exógenos que influenciam a adaptação da segunda geração e as barreiras impostas pelo racismo, pelos mercados de trabalho bifurcados, pelas gangues juvenis e pelo tráfico de drogas não se traduz de forma direta nas diferentes trajetórias de adaptação descritas na Figura 1. Em vez disso, há uma série de resultados intervenientes, refletidos nos andamentos diferenciados da aculturação através das gerações. Filhos de profissionais e outros imigrantes com alto capital humano freqüentemente passam por um processo de *aculturação consonante*, em que pais e filhos aprendem e se adaptam juntos à língua e à cultura da sociedade anfitriã. Outros imigrantes, de origens semelhantes ou com menos capital humano, mas

acolhidos em fortes comunidades co-étnicas, passam por uma *aculturação seletiva*, em que aprender inglês e costumes norte-americanos ocorre concomitantemente à preservação de elementos-chave da cultura parental. Uma segunda geração bilíngüe fluente é um bom indicador desse percurso eclético (cf. Portes e Hao, 2002).

Alternativamente, jovens de famílias migrantes de classes trabalhadoras que não disponham de fortes apoios comunitários podem vivenciar uma *aculturação dissonante*, na qual a introjeção dos valores e da língua da sociedade anfitriã é acompanhada pela rejeição daqueles trazidos por seus pais e a eles associados. Na medida em que os pais permanecem unilíngües, falando apenas a língua nativa, a aculturação dissonante leva à ruptura das comunicações familiares, conforme os filhos rejeitam o uso da língua não-inglesa e, mais importante ainda, os costumes dos pais, que passam a tomar como inferiores ou mesmo embaraçosos (cf. Portes e Hao, 2002; Zhou e Bankston, 1996, 1998).

FIGURA 2
O Processo de Assimilação Segmentada: Um Modelo



Embora a aculturação dissonante não necessariamente produza a assimilação descendente, ela torna esse resultado mais provável, uma vez que a ruptura nas comunicações familiares leva à perda do controle parental e, como consequência, à incapacidade das famílias de guiar e controlar seus filhos. Inversamente, as aculturações consonantes e em especial as seletivas estão associadas a resultados positivos, porque os jovens aprendem a apreciar e a respeitar a cultura de seus pais e, ademais, o domínio de outra língua lhes confere maiores vantagens cognitivas, além de constituir uma ferramenta econômica valiosa (cf. Peal e Lambert, 1962; Leopold, 1949; Portes e Hao, 2002). A Figura 2 apresenta um modelo alternativo e mais refinado da assimilação segmentada, que incorpora esses resultados geracionais intervenientes.

Críticas

O modelo de assimilação segmentada tem os seus críticos. Dois autores em particular, Perlmann e Waldinger, discordam radicalmente do modelo, argumentando, primeiro, que a situação e os desafios enfrentados pelos filhos de imigrantes hoje não são muito diferentes daqueles experimentados pelos filhos de seus precursores europeus e, portanto, que uma nova conceituação do processo é desnecessária (cf. Waldinger e Perlmann, 1998). Segundo, eles defendem que há pouca evidência de uma estagnação da segunda geração ou uma assimilação descendente entre os filhos de imigrantes contemporâneos.

Para sustentar esses argumentos, os autores vêm empreendendo uma série de estudos empíricos. Perlmann (2005) comparou o processo de assimilação de imigrantes italianos e seus descendentes no início do século XX com o de mexicanos no final do século. Waldinger e seus associados (2007) analisaram o desempenho de jovens méxico-americanos no mercado de trabalho, o segundo maior grupo de segunda geração nos Estados Unidos, tido como em risco significativo de sofrer assimilação descendente. No limite, os resultados desses estudos parecem, em geral, ser compatíveis com o modelo de assimilação segmentada e sustentam suas principais premissas. O estudo de Perlmann mostra que a comparação entre “italianos então, mexicanos agora” é separada pelos contextos históricos muito diferentes enfrentados por um grupo e outro. Quaisquer desvantagens que tenham enfrentado – e havia muitas –, os imigrantes italianos nunca se defrontaram com o estigma generalizado e a insegurança do *status* ilegal.

Além disso, eles chegaram para atender às necessidades de mão-de-obra de uma economia industrial em expansão, que oferecia a eles e a seus filhos múltiplas oportunidades de ascensão. Essas oportunidades *não* dependiam da obtenção de educação superior, uma vez que ocorriam em ocupações industriais qualificadas.

Em um gráfico surpreendente, Perlmann procura estimar a desvantagem étnica do salário em função da educação de europeus do centro-sul e de mexicanos em relação a nativos brancos, multiplicando o déficit educacional médio para ambos os grupos de imigrantes pelos ganhos salariais com educação em 1950 (para os filhos dos europeus) e 2000 (para os filhos dos mexicanos). A análise mostra que os méxico-americanos são duplamente prejudicados, tanto pelo baixo êxito educacional como pelos ganhos muito superiores obtidos pela educação no momento atual. Desse modo, “a [segunda geração] mexicana traz sua principal desvantagem no perfil educacional para o mercado de trabalho no pior contexto possível, quando o retorno para o investimento em educação se encontra no mais alto patamar desde 1940 até 2000” (Perlmann, 2005, p. 55).

No final, esse autor chega à conclusão de que as taxas de evasão contemporâneas da *high school*¹ entre méxico-americanos são muito mais altas do que entre os nativos brancos e mesmo entre os nativos negros, o que suscita sérias preocupações para o futuro: “As taxas de evasão dos méxico-americanos deveriam trazer à mente as advertências da hipótese da assimilação segmentada: de que uma parte importante da segunda geração contemporânea sofrerá assimilação descendente” (*Idem*, pp. 82-83).

De fato, a teoria afirma que a assimilação descendente em direção a condições de classe inferiores é apenas *uma* das possíveis conseqüências do processo e que uma alternativa, em geral mais comum, para os filhos de imigrantes trabalhadores em situação de desvantagem é a estagnação nas classes trabalhadoras (ver Figura 1). Esse é, com efeito, o principal resultado a emergir da análise de Waldinger *et al.* (2007). Eles sugerem que, como a maioria dos jovens méxico-americanos trabalha para se sustentar, suas ocupações são, em sua esmagadora maioria, modestas e mal remuneradas, não muito diferentes daquelas de seus pais. Esse resultado está em consonância com os baixos níveis médios de êxito educacional alcançados por esse grupo, revelados na análise de Perlmann. No final, a vigorosa crítica inicial do modelo de assimilação segmentada desses autores faz muito barulho por nada, pois sua própria evidência sustenta os princípios mais importantes do modelo.

1. Escola secundária que, no sistema educacional norte-americano, inclui a 10ª, 11ª e 12ª séries, freqüentada entre os 16 e os 18 anos, e que corresponderia ao Ensino Médio no sistema educacional brasileiro (N. T.).

Ainda assim, a possibilidade de que uma minoria significativa da segunda geração contemporânea vivencie a assimilação descendente – assinalada por eventos tais como abandono da escola, desemprego, gravidez na adolescência, prisão e encarceramento – é mais do que de interesse puramente acadêmico. Dado o tamanho dessa população, mesmo uma pequena minoria que experimente esses eventos terá um impacto significativo nas cidades e nas regiões onde se concentra. As seções a seguir apresentam evidências do terceiro e último *survey* do ELFI que tocam diretamente nessa questão e, pelas mesmas razões, põem o modelo original sob um teste empírico ainda mais rigoroso. O modelo de assimilação segmentada prevê duas questões básicas: primeiro, que a assimilação descendente, indicada pela série de possíveis trajetórias descritas acima, existe e afeta um número significativo de jovens da segunda geração; segundo, que incidentes de assimilação descendente ou, inversamente, ascendente não são aleatórios, mas modelados por um conjunto de determinantes causais exógenos identificados pelo modelo. Apresentamos a seguir resultados relativos a ambos os casos.

Descobertas

Tipos de adaptação segundo a nacionalidade

O terceiro e último *survey* do ELFI foi conduzido em 2002. Nessa época, a idade média da amostra era de 24 anos. Conseqüentemente, os resultados adaptativos medidos nesse *survey* são “sólidos”, no sentido de que mensuram os eventos objetivos nas vidas dos jovens – desde o grau de escolaridade alcançado aos incidentes como prisão e encarceramento. Com esses dados, é então possível testar as previsões sugeridas pelo modelo de assimilação segmentada, bem como sua estrutura global. O *survey* recuperou um total de 3.564 casos, aproximadamente 85% do anterior e cerca de 70% dos entrevistados originais. Há evidências de vício no último acompanhamento dos casos, indicando que jovens oriundos de famílias de *status* socioeconômicos mais baixos que cresceram sem ambos os pais biológicos presentes estão sub-representados na amostra. É possível, entretanto, reparar esse vício aplicando-se a correção de Heckman para a seletividade com base nos dados do *survey* original. Os resultados a seguir foram ajustados conforme esse procedimento.

A existência de assimilação descendente na segunda geração pode ser determinada pela série de resultados delineados previamente: abandono

escolar, desemprego, pobreza, maternidade precoce e incidentes de prisão e encarceramento. O ELFI-III contém indicadores de todos esses eventos. A Tabela 1 apresenta os resultados desagregados por nacionalidade. Os nove grupos nacionais identificados na Tabela são representativos de mais de 80% da população imigrante atual dos Estados Unidos. Nacionalidades em menor número são agrupadas em “outros latinos”, “outros asiáticos” e “outras” categorias².

Há boas razões para apresentar esses resultados tabulados segundo a origem nacional. Grupos imigrantes diferem de forma marcante segundo os três fatores exógenos identificados pelo modelo – capital humano, composição familiar e modalidades de incorporação. A título de ilustração, a primeira coluna da Tabela 1 apresenta dados sobre escolaridade média, ocupação, estrutura familiar e contextos de recepção de todas as nove nacionalidades imigrantes. As diferenças marcantes entre a primeira geração de chineses, filipinos e cubanos, de um lado, e mexicanos, haitianos, indianos ocidentais e laosianos/cambojanos, de outro, provêm o contexto necessário para a análise dos resultados da segunda geração.

Essas diferenças marcantes no capital humano e nas modalidades de incorporação na primeira geração perpetuam-se de modo a afetar a segunda. As colunas seguintes na Tabela 1 apresentam as evidências disponíveis baseadas no último *survey* do ELFI. A Tabela divide a grande amostra de entrevistados cubano-americanos segundo a frequência a escolas públicas ou a escolas particulares bilíngües, criadas por exilados cubanos que chegaram nos anos 1960 e 1970. Os cubano-americanos das escolas privadas são, em sua maioria, filhos das primeiras levas de classes médias e altas. Seus colegas das escolas públicas são, majoritariamente, filhos dos refugiados que aportaram durante o caótico êxodo Mariel de 1980 ou depois, cujos níveis de capital humano eram, em média, consideravelmente menores, ou que experimentaram um contexto de recepção nos Estados Unidos muito mais negativo. De todos os principais grupos imigrantes que chegaram aos Estados Unidos depois de 1960, os cubanos são os únicos a ter passado de uma modalidade positiva para uma modalidade negativa de incorporação, marcada pelo êxodo Mariel e seu desfecho (cf. Perez, 2001; Portes e Stepick, 1993).

Variações nas taxas de evasão escolar ou de abandono dos estudos após obtenção do diploma de *high school* são significativas. No sul da Flórida, jovens que não conseguiram prosseguir seus estudos além desse nível variam de 7,5% entre cubanos de classe média a 26% entre os nicaraguenses.

2. A categoria “outras” é composta por filhos de canadenses, europeus e imigrantes do Oriente Médio.

TABELA 1
Características e Resultados Adaptativos entre Gerações de Imigrantes

PRIMEIRA GERAÇÃO

NACIONALIDADE	PERCENTUAL SEM A HIGH SCHOOL ¹	PERCENTUAL COM ENSINO SUPERIOR	MODALIDADES DE INCORPORAÇÃO ²	RENDIMENTOS ANUAIS MÉDIOS ³	PERCENTUAL EM OCUPAÇÕES PROFISSIONAIS/ EXECUTIVAS	PERCENTUAL EM FAMÍLIAS ESTÁVEIS ⁴
CHINESA	4,4	64,3	Neutra	58.627	47,9	76,7
CUBANA	38,3	19,4	Positiva	48.266	23,3	58,8
FILIPINA	12,0	44,8	Neutra	49.007	28,5	79,4
HAITIANA	35,5	12,6	Negativa	16.394	–	44,9
JAMAICANA/INDIANA OCIDENTAL	20,7	18,0	Negativa	39.102	24,7	43,4
LAOSIANA/CAMBOJANA	45,3	12,3	Positiva	25.696	14,7	70,8
MEXICANA	69,8	3,7	Negativa	22.442	5,1	59,5
NICARAGUENSE	39,6	14,1	Negativa	32.376	7,2	62,8
VIETNAMITA	30,8	15,3	Positiva	26.822	12,9	73,5

SEGUNDA GERAÇÃO

NACIONALIDADE	EDUCAÇÃO		RENDA FAMILIAR		DESEMPREGADOS ⁵	TEM FILHOS	ENCARCERADOS		N
	MÉDIA DE ANO DE ESTUDO	HIGH SCHOOL OU MENOS %	MÉDIA \$	MEDIANA \$	%	%	TOTAL%	HOMENS%	
CHINESA	15,4	5,7	57.583	33.611	2,9	0,0	0,0	0,0	35
CUBANA (escola privada)	15,32	7,5	104.767	70.395	3,0	3,0	2,9	3,4	133
CUBANA (escola pública)	14,32	21,7	60.816	48.598	6,2	17,7	5,6	10,5	670
FILIPINA	14,5	15,5	64.442	55.323	7,8	19,4	3,9	6,8	586
HAITIANA	14,44	15,3	34.506	26.974	16,7	24,2	7,1	14,3	95
JAMAICANA/INDIANA OCIDENTAL	14,63	18,1	40.654	30.326	9,4	24,3	8,5	20,0	148
LAOSIANA/CAMBOJANA	13,3	45,9	34.615	25.179	9,3	25,4	4,3	9,5	186
MEXICANA	13,4	38,0	38.254	32.585	7,3	41,5	10,8	20,2	408
NICARAGUENSE	14,17	26,4	54.049	47.054	4,9	20,1	4,4	9,9	222
VIETNAMITA	14,9	12,6	44.717	34.868	13,9	9,0	7,8	14,6	194
OUTRA (ASIÁTICA)	15,2	9,1	58.659	40.278	4,5	11,4	6,7	9,5	46
OUTRA (LATINA)	14,4	25,5	43.476	31.500	2,2	15,2	6,4	18,8	47
OUTRA	14,55	20,8	59.719	40.619	7,3	16,4	4,9	8,3	404

¹. Para pessoas com 16 anos ou mais.

². As modalidades de incorporação são definidas como positiva: refugiados e asilados recebem assistência do governo para se estabelecerem no país; neutra: imigrantes não-negros admitidos para residência permanente legal; negativa: imigrantes negros e as nacionalidades com grandes proporções de ingressantes não autorizados.

³. Rendimentos familiares.

⁴. Filhos vivendo com ambos os pais biológicos.

⁵. Inquiridos sem trabalho, quer estivessem procurando ou não emprego, excetuando-se aqueles ainda regularmente matriculados em instituições de ensino.

FONTE: Estudo Longitudinal de Filhos de Imigrantes (ELFI), terceiro *survey*, 2002-2003. Adaptado de Portes e Rumbaut (2005, p. 275).

Cubano-americanos que estudaram em escolas públicas têm desempenhos bem piores nessa dimensão que o de seus compatriotas em melhor situação econômica. No sul da Califórnia, chineses e outros asiáticos têm, em média, níveis extraordinários de êxito educacional, enquanto cerca de 40% de mexicanos e laosianos/cambojanos de segunda geração não chegaram a ir além da *high school*. A proporção de laosianos e cambojanos de segunda geração com mais do que níveis médios de educação não é significativamente mais alta do que entre seus pais (ver Tabela 1). México-americanos, por outro lado, avançaram significativamente em comparação à primeira geração. Seus desempenhos abaixo da média em relação a outras nacionalidades refletem graus familiares de escolaridade extremamente baixos a partir dos quais iniciaram suas trajetórias educacionais³.

A renda familiar segue de perto essas diferenças. No sul da Flórida, cubano-americanos de classe média desfrutam de rendimento familiar mediano superior a 70 mil dólares e rendimentos médios anuais de mais de 104 mil dólares, enquanto a segunda geração de indianos ocidentais dispõe de rendimentos medianos de pouco mais de 30 mil dólares anuais, e os haitianos ainda menos. Aproximadamente um terço desses grupos, em sua maioria compostos por negros, tem renda anual de 20 mil dólares ou menos. Na Califórnia, as mesmas diferenças separam a segunda geração de chineses, filipinos e outros ázio-americanos, com renda média anual acima de 57 mil dólares, dos mexicanos e laosianos/cambojanos, com renda mediana em torno de 35 mil dólares. Os rendimentos medianos dessas famílias refugiadas do Sudeste asiático são os mais baixos da amostra⁴.

A máxima de que “os ricos ficam mais ricos e os pobres têm filhos” é bem corroborada pelos números na Tabela 1. Apenas 3% dos cubano-americanos de classe média haviam tido filhos quando chegaram ao início da idade adulta. Esse valor é exatamente 0% para os sino-americanos. A frequência sobe então para 10% entre os vietnamitas; para mais de 15% entre colombianos, cubanos que freqüentaram escolas públicas e filipinos; 25% entre haitianos, indianos ocidentais, laosianos e cambojanos; e notáveis 41% entre México-americanos. Conseqüentemente, os grupos de segunda geração com menor educação e renda são os mais sobrecarregados, em idades precoces, pelas necessidades de sustentar os filhos, uma terceira geração que crescerá em condições de desvantagem comparativa.

Ainda mais contundentes são as diferenças no que se refere aos incidentes de prisão e encarceramento. Jovens do sexo masculino tendem a estar nessas condições com muito mais frequência do que jovens do sexo femini-

3. Os México-americanos de segunda geração que completaram a *high school* ou menos são aproximadamente a metade do número encontrado na geração dos seus pais pelo *survey* ELFI. Isso é um indicador tanto dos baixíssimos níveis de capital humano dos pais imigrantes mexicanos, como dos consideráveis avanços educacionais realizados por seus filhos nos Estados Unidos.

4. A renda dos laosianos/cambojanos indica que a assistência governamental extensiva para esses grupos de refugiados não é suficiente para tirá-los da pobreza, ao menos na média. Os baixíssimos níveis de capital humano dos pais impediram, nesse caso, uma incorporação favorável ligada ao seu *status* de refugiados.

no. Contudo, nenhum dos jovens chineses na amostra do ELFI passou por isso e apenas 3% dos jovens cubanos de classe média o fizeram. O percentual sobe então para um em dez entre os laosianos/cambojanos e outros latinos na Flórida, 18% entre salvadorenhos e outros latinos na Califórnia e 20% entre indianos ocidentais e mexicanos. Para colocá-los em perspectiva, esses dados podem ser comparados à taxa nacional de encarceramento masculina de afro-americanos, entre 18 e 40 anos – 26,6% (cf. Western, 2002; Western *et al.*, 1998). Com outros dezesseis anos em média ainda por vir, é muito provável que a segunda geração de mexicanos, salvadorenhos e indianos ocidentais se equipare ou supere o percentual dos afro-americanos.

Essa é a evidência mais tangível de assimilação descendente até o momento. Ela se concentra, sobretudo, nos filhos de imigrantes não-brancos com baixa escolaridade, refletindo os efeitos duradouros do baixo capital humano parental, de famílias instáveis e de modalidades negativas de incorporação. Embora esses resultados tragam muitas informações, ainda deixam em aberto a questão do relativo poder dos determinantes de adaptação ascendente e descendente na segunda geração, e os processos por meio dos quais esses resultados se desenvolvem. Não sabemos, por exemplo, se “etnia” se superpõe a “classe” nesse processo, ou até que ponto as características familiares persistem no tempo como determinantes da vida adulta. Uma possibilidade alternativa é que tais características sejam traduzidas em êxito precoce e padrões de aspiração na escola que, por sua vez, levam a resultados “sólidos” quando essas crianças chegam à idade adulta. Para que essas e outras questões relacionadas possam ser investigadas, precisamos examinar os determinantes da assimilação descendente a partir de uma abordagem multivariada. A seção a seguir tem esse propósito.

A outra questão importante suscitada por esses resultados refere-se às condições que podem levar os jovens da segunda geração, crescendo em contextos de desvantagem social considerável, a escapar da estagnação nas classes baixas ou da assimilação descendente, e a ascender do ponto de vista educacional e ocupacional. As seções finais deste artigo exploram essa questão central.

Modelos multivariados

Estudar a adaptação da segunda geração como um processo exige dados longitudinais. Nesse sentido, o ELFI é a melhor fonte de informação por

duas razões. Primeiro, ele permite ao pesquisador estabelecer uma ordem temporal clara entre determinantes em potencial, medidos nas idades médias de catorze e dezessete anos, e resultados observados no início da vida adulta, medidos sete anos depois. Segundo, o estudo provê dados sobre uma série de “sólidos” eventos objetivos no início da vida adulta que facilitam a construção de um único índice.

O Índice de Assimilação Descendente (IAD) é uma variável de contagem que consiste na soma ponderada de uma série de diferentes resultados negativos vividos pelos entrevistados do ELFI e que incluem: ter abandonado a *high school*, estar desempregado (e não estar estudando), viver em situação de pobreza, ter tido filhos na adolescência, ter sido preso e ter cumprido sentença por um crime. A escala do IAD varia de 0 a 6, com valores mais altos indicando incidentes mais freqüentes de assimilação descendente. É uma variável altamente distorcida, uma vez que a maioria dos entrevistados no *survey* final registrou o valor 0.

A análise, no *survey* final do ELFI, das mortes ocorridas até então no grupo dos indivíduos entrevistados indica, entretanto, que entrevistados de baixo *status* socioeconômico, estudantes com baixo êxito escolar e aqueles criados por apenas um dos pais estão sub-representados. Em consequência, provavelmente a distribuição de freqüência do IAD subestima o número de casos que sofrem assimilação descendente. Isso torna duplamente importante corrigir os coeficientes a seguir para a seletividade da amostra. Como uma variável de contagem, o IAD não é compatível com análises de mínimos quadrados, que produziriam estimativas inconsistentes ou ineficientes. Tais variáveis são comumente modeladas segundo os processos de Poisson (cf. Long, 1997). Os modelos de regressão de Poisson, entretanto, raramente se encaixam nos dados, em virtude da hipótese de equidispersão na distribuição condicional $\mu_i = \sigma = \text{esp}(x_i\beta)$. A regressão binomial negativa (RBN) remove essa dificuldade ao substituir a média condicional por uma variável aleatória μ , onde $\mu_i = (x_i\beta + \Sigma_i)$ e Σ_i é o erro aleatório não correlacionado a x_i (cf. Long, 1997, p. 233).

Como preditores dessa variável dependente, incluímos o *status* socioeconômico dos pais, a estrutura familiar e a origem nacional, além de controles para idade e sexo. Em seguida, alocamos essas estimativas em modelos que somam os efeitos dos tipos de escolas freqüentadas no início da adolescência, indexadas segundo sua composição étnica e de classe. Depois, somamos os primeiros resultados da adaptação, nomeadamente as notas da *junior high*⁵, e as expectativas educacionais, medidas no primeiro *survey* do ELFI, a

5. *Junior high school*, escola intermediária entre a escolarização primária e a secundária, que, no sistema educacional norte-americano, abrange as 6^a, 7^a, 8^a e 9^a séries, freqüentadas entre os 12 e os 15 anos, e que, no sistema educacional brasileiro, corresponderia ao Ensino Fundamental II (N. T.).

fim de observar até que ponto essas variáveis mediam os efeitos precoces do *status*, da composição familiar e das modalidades de incorporação. Com o mesmo fim, substituímos esses indicadores por outros idênticos, medidos à época do término da educação secundária. Esses modelos permitem-nos observar como o processo adaptativo se desenvolve no tempo e até que ponto ele é cumulativo, isto é, com resultados se consolidando uns sobre os outros, ou, pelo contrário, se reflete apenas o efeito de variáveis exógenas. O Apêndice (ver pp. 45-46) lista todas as variáveis incluídas na análise e suas características descritivas.

Os coeficientes da RBN podem ser transformados em porcentagens que indicam o aumento/diminuição líquido/a nas probabilidades relativas da variável dependente associada ao aumento de uma unidade em cada preditor. Para a clareza da apresentação, indicamos esses números apenas para os coeficientes estatisticamente significativos. Utilizamos erros padrão robustos para corrigir o *design* multisseriado, em *clusters*, da amostra do ELFI. Os erros padrão corrigidos não afetam os coeficientes reais, mas ajustam a subestimação de erros que podem levar a valores *z* inflacionados. Erros padrão robustos provêem um critério muito mais exigente de significância estatística do que erros padrão comuns, de modo que os resultados obtidos a partir desses critérios podem ser considerados confiáveis.

As tabelas a seguir apresentam tanto os modelos não ajustados como aqueles ajustados para a seletividade da amostra. O ajuste de Heckman constrói um estimador de seletividade, λ , e o insere aditivamente na equação substantiva. Como foi explicitado, preditores de seletividade sobrepõem-se a preditores substantivos, indicando a sub-representação dos entrevistados em situação de desvantagem social no *survey* final. Por essa razão, apresentamos ambos os modelos e comentamos sobre a importância significativa dos coeficientes de seletividade.

6. A categoria de referência para esses preditores é formada pelo restante da amostra do ELFI, composta por jovens cujos pais vieram de 74 países diferentes e que, portanto, constitui um ponto de comparação diversificado e equilibrado.

Determinantes da assimilação descendente

A Tabela 2 apresenta os determinantes precoces da adaptação da segunda geração nos dois estágios descritos antes. O primeiro modelo inclui o *status* socioeconômico dos pais, a estrutura familiar e variáveis *dummy* para nacionalidade, para os grupos que estavam em situação de maior desvantagem, segundo os resultados preliminares: filhos de pais mexicanos, haitianos, indianos ocidentais e lao-cambojanos⁶. O segundo modelo soma os efeitos aditivos das características escolares iniciais. Coeficientes positivos indicam

maiores probabilidades de sofrer assimilação descendente. Os resultados não ajustados na primeira coluna da Tabela mostram os fortes efeitos inibidores sobre a variável dependente *status* socioeconômico dos pais e famílias estáveis e o forte efeito positivo da origem mexicana. Efeitos positivos e significativos adicionais são associados ao sexo (masculino) e a todos os outros indicadores de origem nacional, exceto lao-cambojano.

TABELA 2

Determinantes Exógenos de Assimilação Descendente na Segunda Geração¹

PREDITOR ²	I		II ³		III		IV ³	
	VALOR Z	VARIAÇÃO PERCENTUAL ⁴	VALOR Z	VARIAÇÃO PERCENTUAL ⁴	VALOR Z	VARIAÇÃO PERCENTUAL ⁴	VALOR Z	VARIAÇÃO PERCENTUAL ⁴
<i>Status</i> socioeconômico familiar	-5,90***	-19,8	-2,73**	-9,9	-4,64***	-16,6	-1,75	n.s.
Família estável ⁵	-6,89***	-30,2	-0,74	n.s. ⁶	-6,78***	-29,9	-0,74	n.s.
Idade	2,04*	6,7	1,46	n.s.	2,67**	9,1	2,08*	6,9
Sexo (masculino)	2,86**	15,9	1,14	n.s.	2,95**	16,4	1,19	n.s.
ORIGEM NACIONAL								
Haitiana	2,57*	41,6	3,30**	57,3	2,05*	32,1	2,83**	47,8
Indiana ocidental	3,81***	50,6	3,83***	51,3	3,68***	48,4	3,71***	49,3
Mexicana	7,00***	61,7	5,32***	45,6	5,32***	51,4	3,56***	33,1
Laosiana/cambojana	1,82	n.s.	1,96	n.s.	1,05	n.s.	0,94	n.s.
CARACTERÍSTICAS ESCOLARES								
<i>Status</i> socioeconômico da escola	–	–	–	–	-3,36**	-0,4	-3,22**	-0,4
Escola minoritária	–	–	–	–	-1,00	n.s.	-1,72	n.s.
λ ⁷	–	–	9,76***	39,8	–	–	9,87***	40,3
CONSTANTE	-2,07**	–	-2,90**	–	-3,02**	–	-3,17**	–
QUI-QUADRADO DE WALT	229,54***		365,33***		246,83***		388,05***	
LOG-VEROSSIMILHANÇA	-3177,05		-3076,22		-3171,30		-3070,26	
N	3168		3115		3168		3115	

¹. Coeficientes de regressão binomial negativa. Coeficientes positivos indicam maior probabilidade de ocorrer assimilação descendente.

². Ver Apêndice (pp. 45-46) para medidas da variável.

³. Modelos corrigidos para a seletividade da amostra.

⁴. Variação líquida na probabilidade de assimilação descendente por variação de unidade do preditor.

⁵. Ambos os pais biológicos presentes.

⁶. n.s. = não significativo.

⁷. Ajuste de seletividade da amostra de Heckman.

* p < .05

** p < .01

*** p < .001

Quando o modelo é corrigido para a seletividade, o efeito composição familiar desaparece e é substituído por um forte coeficiente *lambda*. Todos os outros coeficientes são atenuados, mas permanecem significativos, exceção-se o sexo. Esses resultados refletem diretamente a influência da colinearidade no modelo porque a composição familiar é um dos preditores de seletividade da amostra. De forma substantiva, os coeficientes λ significativos reforçam a importância de famílias estáveis e também sinalizam a maior probabilidade de ocorrer assimilação descendente entre entrevistados ausentes na amostra final.

Os fortes efeitos inibidores do *status* socioeconômico familiar e de famílias estáveis eram esperados, bem como os efeitos de uma modalidade negativa de incorporação, indexados segundo a nacionalidade de origem. De certa forma, no entanto, foi inesperada a força do coeficiente mexicano e a insignificância dele ligada à origem lao-cambojana. Isso quer dizer que, essencialmente, mesmo depois de controlar as características familiares, crianças méxico-americanas continuam a experimentar desvantagens sociais significativas. Inversamente, a modalidade de incorporação favorável recebida pelos refugiados laosianos e cambojanos é refletida no fato de que, uma vez que o baixo capital humano dos pais (capturado pelo índice *status* socioeconômico familiar) é levado em consideração, nenhuma desvantagem ligada à origem nacional permanece. Assim como os mexicanos, pais haitianos negros e indianos ocidentais também vivenciaram modalidades negativas de incorporação (ver Tabela 1), e isso é refletido em efeitos étnicos resilientes que não desaparecem depois de se introduzirem controles familiares.

A adição de características escolares não modifica essas conclusões, exceto para demonstrar o efeito já mencionado do *status* socioeconômico médio das escolas: estudantes que freqüentam escolas de alto padrão no início da adolescência têm probabilidades significativamente menores de sofrer assimilação descendente no decorrer de suas vidas. Esse efeito não remove, entretanto, os das características familiares ou dos contextos de incorporação. A maior propensão dos jovens de segunda geração do sexo masculino de se encontrarem em situação de desvantagem no início da vida adulta já foi também mencionada. É uma consequência da maior tendência dos jovens do sexo masculino de abandonarem a escola prematuramente, de serem presos ou cumprirem pena. Esse efeito de gênero não é resiliente, entretanto, e desaparece quando os modelos são ajustados para a seletividade da amostra, ou quando novas variáveis são introduzidas, como veremos a seguir.

As equações que adicionam resultados escolares são apresentadas na Tabela 3. As duas primeiras colunas incluem os GPAs⁷ da *junior high* e as expectativas educacionais na época. Uma vez que essas variáveis tenham sido adicionadas à equação, a correção para a seletividade da amostra deixa de ser significativa, refletindo o fato de que a presença/ausência no último *survey* é significativamente afetada por êxitos acadêmicos precoces. O efeito substantivo desta variável (GPA) é muito forte, conforme indicado pelo valor *z* correspondente: a cada um ponto de aumento nas notas iniciais, a probabilidade de sofrer assimilação descendente é reduzida em 30%. A influência da ambição educacional, embora mais fraca, vai na mesma direção, com as aspirações em relação à faculdade e à pós-graduação reduzindo os Índices de Assimilação Descendente em 9%.

Um achado teórico importante é que, mantidos esses controles, a influência de fatores exógenos, no longo prazo, embora atenuada, permanece significativa. Famílias estáveis ainda reduzem a probabilidade de assimilação descendente em 25% e cada desvio padrão no índice de *status* socioeconômico familiar leva a uma redução adicional de 10%. Mais importante ainda, os efeitos de nacionalidade observados previamente persistem. Esses resultados indicam, essencialmente, que êxito acadêmico precoce e ambição afetam de forma significativa resultados adaptativos subsequentes, mas não “filtram” a influência de determinantes estruturais centrais.

O *status* socioeconômico médio da escola continua a ter o efeito significativo esperado, cada nível socioeconômico adicional reduzindo o IAD em 0,4%. Menos esperado é o efeito da composição étnica da escola. O coeficiente é agora altamente significativo, mas sua direção é contrária à esperada: *junior high schools* com 60% ou mais de minorias estudantis (codificadas segundo valores mais altos) *reduzem* a assimilação descendente, controlando-se outras variáveis. Parte da explicação para isso é a inclusão, na amostra do ELFI, de escolas privadas hispânicas 100% bilíngües localizadas em Miami, cujos estudantes tendem a ir muito bem em todos os indicadores de desempenho. Controlando-se outros fatores, essa particularidade da amostra torna-se relevante. Cabe ressaltar também que esse efeito minoria emerge apenas quando notas e aspirações educacionais entram na equação. Em conseqüência, é apenas entre estudantes estatisticamente equivalentes em êxito acadêmico e ambição que escolas freqüentadas predominantemente por minorias étnicas exercem influência positiva.

7. Grade Point Average, média geral de pontos, calculada sobre a avaliação do estudante em cada disciplina, geralmente durante um semestre. No sistema educacional norte-americano, o GPA é um índice que grande parte das vezes varia de 0 a 4 pontos, onde 0 corresponde a um aproveitamento abaixo de 60% (conceito E); 1, a nota mínima para aprovação, entre 60% e 69% de aproveitamento (conceito D); 2 é a nota média, entre 70% e 79% de aproveitamento (conceito C); 3, a segunda melhor nota, entre 80% e 89% de aproveitamento (conceito B), e 4, a nota máxima, com aproveitamento acima de 90% (conceito A).

TABELA 3

Determinantes Exógenos e Endógenos de Assimilação Descendente na Segunda Geração¹

PREDITOR ²	V		VI ³	
	VALOR Z	VARIAÇÃO PERCENTUAL ⁴	VALOR Z	VARIAÇÃO PERCENTUAL ⁴
<i>Status</i> socioeconômico familiar	-2,74**	-10,2	-2,56*	-10,0
Família estável	-5,58***	-25,1	-4,36***	-24,8
Idade	1,60	n.s. ⁵	1,60	n.s.
Sexo (masculino)	-0,02	n.s.	-0,02	n.s.
ORIGEM NACIONAL				
Haitiana	2,34*	37,7	2,33*	37,9
Indiana ocidental	3,13**	40,8	3,13**	40,9
Mexicana	2,98**	26,1	2,97**	26,1
Lao-cambojana	1,49	n.s.	1,48	n.s.
CARACTERÍSTICAS ESCOLARES				
<i>Status</i> socioeconômico da escola	-3,42**	-0,40	-3,40**	-0,4
Escola minoritária	-4,18***	-23,3	-4,04***	-23,2
RESULTADOS ESCOLARES				
GPA na <i>junior high</i>	-11,30***	-29,7	-7,09***	-29,4
Expectativas educacionais na <i>junior high</i>	-3,48**	-9,0	-3,48**	-9,0
GPA na <i>senior high</i>	–	–	–	–
Expectativas educacionais na <i>senior high</i>	–	–	–	–
λ^6	–	–	0,08	n.s.
CONSTANTE	-0,09	–	-0,11	–
QUI-QUADRADO DE WALD	444,63***		446,10***	
LOG-VEROSSIMILHANÇA	-3015,10		-3015,10	
N	3104		3104	
PREDITOR ²	VII		VIII ³	
	VALOR Z	VARIAÇÃO PERCENTUAL ⁴	VALOR Z	VARIAÇÃO PERCENTUAL ⁴
<i>Status</i> socioeconômico familiar	-1,63	n.s. ⁵	-0,82	n.s.
Família intacta	-5,38***	-25,5	-3,06**	-18,2
Idade	0,63	n.s.	0,46	n.s.
Sexo	-0,19	n.s.	0,36	n.s.
ORIGEM NACIONAL				
Haitiana	2,74**	53,3	2,92**	58,4
Indiana ocidental	3,40**	56,9	3,37**	56,6
Mexicana	3,26**	30,4	2,95**	27,1
Lao-cambojana	1,57	n.s.	1,45	n.s.
CARACTERÍSTICAS ESCOLARES				
<i>Status</i> socioeconômico da escola	-2,30*	-0,3	-2,35*	-0,3
Escola de minoria	-3,50***	-21,7	-3,26***	-20,6
GPA na <i>junior high</i>	–	–	–	–
GPA na <i>senior high</i>	-6,93***	-22,0	-5,00***	-18,2
Expectativas educacionais na <i>senior high</i>	-7,45***	-21,9	-7,45***	-21,8
λ^6	–	–	2,57*	12,8
CONSTANTE	1,39	–	1,14	–
QUI-QUADRADO DE WALD	466,77***		478,02***	
LOG-VEROSSIMILHANÇA	-2603,04		-2599,47	
N	2823		2823	

1. Coeficientes de regressão binomial negativa. Coeficientes positivos indicam maior probabilidade de ocorrer assimilação descendente.
 2. Ver Apêndice (pp. 45-46) para medidas da variável.
 3. Modelos corrigidos para a seletividade da amostra.
 4. Variação líquida na probabilidade de assimilação descendente por variação de unidade do preditor.
 5. n.s. = não significativo.
 6. Ajuste de seletividade de amostra.
- * $p < .05$
 ** $p < .01$
 *** $p < .001$

As últimas colunas da Tabela 3 apresentam os resultados da substituição do êxito escolar e das expectativas educacionais ainda no início da trajetória no sistema educacional por aqueles no final da *high school*, colhidos durante o segundo *survey* do ELFI. Notas do final do período e ambição educacional têm, mais uma vez, fortes efeitos inibidores sobre a assimilação descendente, reduzindo a sua probabilidade em 18% e 21%, respectivamente. Esses preditores, situados na adolescência tardia, são bem-sucedidos em mediar a influência do *status* socioeconômico dos pais, reduzindo-o a níveis insignificantes. Porém, famílias estáveis ainda protegem o jovem, e uma origem nacional socialmente desvantajosa ainda o prejudica. A essa altura da vida, jovens méxico-americanos continuam a ter 30% mais chance de sofrer assimilação descendente, e as duas minorias predominantemente negras da amostra – haitianos e indianos ocidentais –, mais de 50% de chance relativa do que o restante da amostra.

Esses resultados são um triste indicador de que não há apenas diferenças significativas entre as nacionalidades dos imigrantes nos resultados adaptativos, mas que essas diferenças tendem a perdurar até à vida adulta, mesmo levando em consideração o êxito e as aspirações educacionais. Filhos de famílias de classe média que não se desfizeram e viveram contextos mais favoráveis, ou pelo menos neutros, de recepção têm pouca probabilidade de sofrer assimilação descendente; aqueles que se encontram no outro lado do espectro têm muito maior probabilidade de sofrê-la.

A distribuição distorcida do IAD mostra que a maioria do conjunto total de crianças de segunda geração, mesmo aquelas crescendo em situação de desvantagem, consegue evitar esses resultados e seguir em frente na vida. Nesse sentido, o prognóstico global para essa população emergente é favorável. Os proponentes da assimilação clássica que anteciparam o avanço geral da nova segunda geração ganharão consolo com essas constatações (cf. Alba e Nee, 2003). Suas conclusões otimistas, entretanto, devem ser

relativizadas pelo fato de que os resultados subestimam o número de pessoas que sofrem mobilidade descendente (devido à seletividade da amostra) e de que, mesmo sem esse ajuste, uma minoria considerável tem sofrido tal mobilidade descendente com todas as sérias conseqüências, individuais e coletivas, que isso implica.

Em suma, a análise provê respostas conclusivas para as duas perguntas feitas à questão da assimilação segmentada na seção introdutória. Primeiro, há claras evidências de assimilação descendente na segunda geração. Segundo, o processo não é aleatório, mas modelado de acordo com fatores exógenos identificados pela teoria. Nesse sentido, ela oferece uma abordagem mais nuançada do processo de adaptação da segunda geração do que previsões generalizadas de avanço. A base para a teoria, porém, não se estende a evidências diretas do papel dos fatores intervenientes associados ao ritmo de aculturação entre gerações, conforme retratados na Figura 2. Esse papel precisa ser inferido indiretamente a partir do forte poder causal de variáveis relativas às famílias, especialmente aquelas referentes à sua estabilidade. Há, entretanto, evidências adicionais e mais diretas da importância da aculturação seletiva no processo, obtidas a partir do último estágio do projeto ELFI, discutido a seguir.

Superando a desvantagem

A sociologia lida, na maior parte do tempo, com taxas e médias, não com exceções. Há ocasiões, entretanto, em que exceções podem nos ensinar algo de valioso acerca de fatores adicionais obscurecidos pelo poder das principais forças causais. Enquanto o poder das variáveis exógenas identificadas pelo modelo é quase assustador em suas implicações, isso não significa que toda criança em situação de vantagem devido à origem familiar e a um contexto favorável consiga ascender socialmente; tampouco que aquelas em situação de desvantagem devido à pobreza ou a modalidades negativas de incorporação sucumbam à estagnação ou à mobilidade descendente. Se alguns casos dessa segunda situação pudessem ser identificados, eles seriam importantes para nos ensinar se há outros fatores, não puramente aleatórios, que poderiam ser significativos na superação da desvantagem.

Duas características do ELFI contribuem para tratar dessa questão. Primeiro, o amplo tamanho da amostra; segundo, seu caráter longitudinal. Assim como essas duas características provaram ser decisivas no teste da teoria global, elas podem ajudar a identificar casos excepcionais. Para fazer

isso, localizamos, primeiro, a subamostra de casos que cresceram em condições de severas desvantagens sociais. Esses entrevistados eram crianças que, aos 14 anos em média, foram identificadas como oriundas de famílias muito pobres e freqüentemente desfeitas, cujos pais experimentaram contextos negativos de recepção.

Podemos então questionar se algum dos membros dessa subamostra conseguiu superar essas dificuldades, a fim de se formar em um curso superior de quatro anos e começar uma carreira profissional, ou freqüentar uma pós-graduação no início da vida adulta. A resposta a essa pergunta vem do terceiro *survey* do ELFI, que, como já foi explicitado, foi conduzido quando os entrevistados tinham 24 anos em média. De uma amostra inicial de mais de 5.200 entrevistados, identificamos apenas cinquenta casos que se encaixavam nesses critérios. O próximo passo foi localizar esse pequeno número de homens e mulheres excepcionais e buscar reentrevistá-los, assim como os membros de suas famílias imediatas, na esperança de descobrir padrões comuns em suas trajetórias de vida.

Isso foi feito durante o verão e o outono de 2006, já no estágio final do projeto, denominado ELFI-IV. No total, foram conduzidas 61 entrevistas com os jovens, seus pais e cônjuges, quando casados. Nesse esforço, fomos auxiliados pela disponibilidade de localizar informações nos arquivos do ELFI, o que tornou possível realizar buscas efetivas na Internet, bem como pela disposição de nossos inquiridos de serem entrevistados de novo. Em geral, é mais fácil falar dos sucessos que dos fracassos, e essa característica contribuiu para a obtenção de entrevistas longas e detalhadas, que não foram conduzidas por pessoal contratado, mas pelos próprios autores, num esforço de obter o máximo de informação possível dessa amostra excepcional.

O último estágio do projeto ELFI é qualitativo e suas conclusões emergem da reflexão sobre tendências em comum, identificáveis nas entrevistas e ilustradas por algumas histórias pessoais selecionadas. Não apresentamos todas as tendências identificadas no decorrer do estudo, mas apenas aquelas necessárias para “completar o quadro” ao relacionarem-se com o modelo teórico geral discutido previamente.

Criação autoritária e aculturação seletiva

As literaturas sobre educação de crianças e psicologia educacional têm convergido para pregar aos pais uma atitude tolerante, paciente e não-autoritária em relação aos filhos; para promover a abertura a novas experiências

e a uma socialização intensiva entre os mais jovens. De forma paralela, escolas e outras instituições de vanguarda pressionam imigrantes e seus filhos à aculturação mais rápida possível, vindo em sua total americanização um passo adiante em direção à mobilidade econômica e à aceitação social (cf. Unz, 1999; Alba e Nee, 2003).

Não é isso o que acontece nesses casos. O *leitmotif* nas entrevistas do ELFI-IV foi a presença de figuras parentais fortes e severas que controlavam, quando não suprimiam, contatos externos extensivos ou que buscavam preservar as tradições lingüísticas e culturais nas quais eles mesmos haviam sido criados. Enfrentar esses pais não é uma opção, e a punição física é uma possibilidade real quando a autoridade parental é desafiada. Esses ambientes familiares têm o efeito de isolar os filhos em relação a muito do que está acontecendo do lado de fora: espera-se que eles freqüentem a escola e voltem para casa com poucas distrações pelo caminho. Ao mesmo tempo que essas práticas educativas certamente são vistas com reservas por muitos psicólogos educacionais, elas têm o efeito de proteger as crianças dos perigos da vida nas ruas do entorno imediato onde vivem e de mantê-las em contato com suas raízes culturais.

Em outras palavras, enquanto a liberdade de exploração e atitudes tolerantes por parte dos pais podem funcionar bem em ambientes suburbanos protegidos, elas não têm o mesmo efeito nos bairros pobres, onde o que há para “explorar” é geralmente ligado à presença de gangues e ao tráfico de drogas. Além disso, contrariamente à sabedoria convencional, a americanização total tem o efeito de desconectar os jovens de seus pais e privá-los de um ponto de referência cultural a partir do qual podem basear seu senso de identidade e dignidade pessoal. Como veremos, essa referência é também um componente importante dessas histórias de sucesso.

A manutenção da autoridade parental e a forte disciplina familiar têm o efeito de induzir à aculturação seletiva, em oposição à modalidade totalizante advogada pelas escolas públicas e outros comentadores em voga. A aculturação seletiva combina o aprendizado do inglês e dos costumes norte-americanos com a preservação de elementos-chave da cultura de origem, incluindo a língua. Estudos anteriores baseados no ELFI e outros dados demonstraram que a fluência em duas línguas é significativamente associada a uma série de resultados positivos na adolescência tardia, incluindo notas mais altas na escola, aspirações educacionais mais altas, maior autoestima e menor conflito intergeracional (cf. Peal e Lambert, 1962; Hakuta, 1986; Rumbaut, 1995; Portes e Hao, 2002). As entrevistas a seguir confir-

mam esse resultado, indicando que situações de sucesso a partir da desvantagem são quase que invariavelmente baseadas em fortes controles parentais, levando à aculturação seletiva. Esses resultados são congruentes com as expectativas teóricas resumidas na Figura 2.

Ajuda externa

Raquel Torres, mexicana, 29 anos, entrevistada em San Diego, julho de 2006

Raquel Torres é a filha mais velha de um casal de mexicanos que emigrou ilegalmente para San Diego depois de anos vivendo em Tijuana. A mãe finalizou a nona série e não trabalhou enquanto seus três filhos estavam crescendo; o pai concluiu a sexta série. Quando moravam em Tijuana, ele viajava diariamente a San Diego para trabalhar como garçom, até que sua permissão para entrar nos Estados Unidos foi revogada e a família simplesmente decidiu atravessar a fronteira clandestinamente. Eles se instalaram em National City, um bairro pobre de maioria mexicana, onde Raquel cresceu falando apenas espanhol. Como resultado de sua pouca fluência em inglês, ela teve problemas na escola primária El Toyon, mas foi matriculada em um programa de treinamento bilíngüe, em que crianças eram retiradas das classes para receber treinamento intensivo em inglês. “Meus professores foram maravilhosos”, diz ela.

Foi enquanto freqüentava a escola primária que ela percebeu o quanto sua família era realmente pobre. Ela queria calças jeans, tênis, brinquedos da moda, que via as outras crianças ganharem, mas seus pais diziam não. “*No tenemos dinero*” [Não temos dinheiro], eles respondiam. Por outro lado, a disciplina em casa era rígida: “Meus pais, eles nos criaram de forma muito rigorosa, muito tradicional, não havia argumento; você recebia apenas aquele olhar e sabia que era melhor não insistir”. Na *junior high*, ela teve contato com um programa chamado AVID (Achievement Via Individual Determination [Êxito Via Determinação Individual]). Enquanto ela ainda lutava com o inglês, o AVID providenciou-lhe um estudante de faculdade como tutor e levou-a em visitas à universidade estadual de San Diego. “Foi uma visita fabulosa; nós fomos colocados com outros estudantes na mesma classe. A minha era de biologia. Eu ainda não tinha pensado em fazer faculdade.”

O momento decisivo veio em seu primeiro ano na Sweetwater Senior High em National City, depois que ela se matriculou na aula de francês do

8. Evento em que escolas e outras instituições educacionais organizam apresentações das suas instalações e do seu modo de funcionamento para membros das famílias dos alunos (N. T.).

9. Outro nome para *high school*.

prof. Carranza. Um méxico-americano e veterano da guerra do Vietnã, Carranza interessava-se vivamente por seus alunos. “Quer dizer, não era tanto o francês que ele ensinava, mas também introduzia poesia chicana e, no primeiro mês de aula, ele me perguntou: ‘Onde você vai fazer faculdade?’” Na *Open House*⁸ daquele ano, Carranza aproximou-se de sua mãe e perguntou: “¿Usted sabe que su hija es muy inteligente?” [Você sabe que sua filha é muito inteligente?]. “¿De veras, mi hija?” [Mesmo, minha filha?], respondeu a mãe. “Sim”, ele disse, “ela pode ir para a faculdade.” “De repente, tudo fez sentido para mim; eu ia para a faculdade.”

Raquel graduou-se com um GPA de 3,5 na Sweetwater; candidatou-se e foi admitida na Universidade da Califórnia, San Diego. Na época, sua família havia se mudado para Las Vegas em busca de trabalho, mas Raquel queria ser independente. Ela havia claramente superado seus pais que, naquele momento, começaram a se tornar um obstáculo. “Quando eu estava estudando tarde da noite na *senior high*⁹, minha mãe aparecia e apagava a luz. Ela dizia: ‘Vá dormir, você vai ficar cega de tanto ler’.” Raquel entrou na UCSD no último ano do Programa de Ação Afirmativa na Califórnia. Como resultado, ouviu reclamações de vários colegas estudantes que a criticaram por ter tido uma vantagem injusta. Mas ela defende fortemente o programa: “Sem o Ação Afirmativa, eu provavelmente não teria chegado à UCSD. Além disso, o programa me fez trabalhar mais. Outros estudantes davam de barato sua educação e não estudavam tanto, preferindo ir a festas e ficar na curtidão”.

Raquel formou-se na UCSD com GPA de 3,02 e imediatamente matriculou-se no mestrado em educação na San Diego State. Após o mestrado, conseguiu um emprego como conselheira no Barrio Logan College Institute, outra organização privada envolvida em ajudar estudantes de minorias, como ela, a frequentarem a faculdade. Atualmente planeja ingressar em um programa de doutorado em educação. Seu conselho para estudantes imigrantes: “Parem de inventar desculpas; sempre haverá dramas familiares, sempre haverá muitos problemas. Mas é o que você quer fazer o que importa”.

Apesar das suas palavras finais, “onde há uma vontade, há um caminho”, é evidente que Raquel Torres pôde avançar por ter recebido assistência de múltiplas formas. Primeiro, uma criação tradicional familiar rígida que, como vimos previamente, a manteve longe de problemas, embora a tenha prejudicado no aprendizado da língua inglesa. Sua própria aculturação seletiva teve de ser cutucada por esses professores “maravilhosos” na

escola El Toyon. Depois ela encontrou o programa AVID, que a proveu de assistência educacional personalizada e das primeiras noções do que seria a vida na faculdade.

Finalmente, ela encontrou Carranza e seu futuro teve uma virada decisiva. O professor de francês não perguntou *se* ela estava indo para a faculdade, mas para *qual* faculdade ela pretendia ir. O fato de ele ser da mesma etnia e ter trazido “poesia chicana” para a sala de aula certamente contribuiu. Ele não apenas a motivou, mas recrutou sua mãe, a fim de apoiar suas novas aspirações. Pais imigrantes muito severos podem instilar disciplina e promover aculturação seletiva em seus filhos, mas muitas vezes são impotentes diante da burocracia escolar. A última oferta importante de ajuda externa que Raquel recebeu foi inscrever-se no agora extinto Programa Ação Afirmativa. O programa permitiu a ela freqüentar uma instituição de primeira linha, em vez de uma faculdade regional. Não obstante, depois da interferência de Carranza, ficou claro que Raquel faria faculdade de um jeito ou de outro.

Uma constante em nossas entrevistas, além de pais autoritários e alertas, é o aparecimento de uma outra pessoa *realmente* significativa, que pode ser um professor, um conselheiro, um amigo da família ou mesmo um irmão mais velho. O importante é que eles têm um interesse genuíno na criança, motivam-na a graduar-se na *high school* e a fazer faculdade, e possuem o conhecimento necessário e a experiência para guiar o(a) estudante nessa direção. Nem a disciplina familiar, nem o surgimento de outra pessoa significativa, por si só, são suficientes para produzir rendimento educacional elevado, mas a sua *combinação* é decisiva.

O segundo elemento que a história de Raquel Torres ilustra é o papel importante dos programas organizados e patrocinados por organismos sem fins lucrativos com o intuito de prestar assistência a estudantes em situação de desvantagem social. O AVID, o Programa Preuss, também organizado pela Universidade da Califórnia, o Latinas Unidas, o Barrio Logan College Institute e outros grupos filantrópicos, todos eles podem ter um papel suplementar fundamental ao transmitir informações que os pais não possuem: como preencher uma ficha de inscrição para candidatar-se a uma vaga na faculdade; como se preparar para os SATs¹⁰ e quando fazer o exame; como se apresentar em entrevistas; como são os *campus* dos *colleges* e como é a vida num *college* etc.

10. Scholastic Assessment Tests, conjunto de exames de avaliação escolar padronizados, publicados e desenvolvidos por uma instituição independente, privada (sem fins lucrativos), e utilizados como avaliação padrão para admissão nas faculdades norte-americanas (N. T.).

Essa descoberta é importante porque a criação e a manutenção de tais programas é decisão de atores externos e podem ser fortalecidas por meio de políticas públicas. Enquanto o caráter da vida familiar ou a emergência de outra pessoa realmente significativa ocorre predominantemente no âmbito privado, a presença e a efetividade de programas de assistência especial para minorias estudantis é uma questão pública, passível de intervenção política. Os programas e as organizações que provaram ser eficazes foram baseados, invariavelmente, no conhecimento da cultura e da língua que as crianças trouxeram para a escola e no respeito por elas. Eles são comumente oferecidos por profissionais da mesma origem étnica ou, pelo menos, bilíngües.

Diferentemente da abordagem da assimilação total, enfatizada pelos funcionários da escola pública, esses programas transmitem a mensagem de que não é necessário rejeitar a própria cultura e história para obter um bom desempenho na escola. Pelo contrário, essas raízes podem prover a referência necessária para fortalecer a auto-estima da criança e suas aspirações para o futuro. Nesse sentido, o AVID e programas similares tanto confiam na aculturação seletiva como a promovem como o melhor caminho para o êxito educacional.

Capital cultural

Além dos elementos já destacados, a característica mais importante evidenciada nessas entrevistas é a capacidade de transferência dos recursos da classe social e sua utilidade na superação das principais barreiras à mobilidade. Um tema recorrente entre os entrevistados do ELFI-IV é a importância do passado respeitável, seja real ou imaginário, no país de origem. Os pais repetem histórias de quem eles ou seus antepassados “realmente eram” como um meio de manter sua dignidade apesar das circunstâncias atuais. Os filhos, ao conviverem com essas histórias de família, freqüentemente as introjetam, utilizando-as para impulsionar realizações. Ouvimos referências a tios e avós que eram “doutores” ou “professores” no México; antepassados que eram “proprietários de terras na Califórnia e extinguiram revoltas indígenas”; e parentes que eram altos oficiais do governo antes de terem de abandonar o país de origem, fugindo da perseguição política.

Esse “capital cultural” trazido do país de origem possui, na realidade, dois componentes. O primeiro é o poder motivador de restaurar o orgulho e o *status* familiar. Indiferentemente do fato de as realizações do passado

serem reais ou imaginárias, elas ainda podem servir como meio de instigar aspirações mais altas entre os jovens. O segundo é o *know-how* que imigrantes oriundos de classes médias e altas possuem. Esse *know-how* consiste de informações, valores e comportamentos/conduitas que migrantes de origens mais modestas não possuem. Independentemente de quão difíceis sejam as circunstâncias presentes, pais oriundos de classes médias têm um sentido claro de quem são, conhecimento dos possíveis meios pelos quais podem superar a situação, e a atitude adequada a adotar quando as oportunidades se apresentam. Essas duas dimensões do capital cultural convergem nos casos em que tanto a erudição familiar como o *habitus* do passado de classe média são decisivos para auxiliar jovens de segunda geração a superar obstáculos aparentemente intransponíveis.

Embora não tenha feito parte da amostra do ELFI, a história de Dan-el Padilla oferece outro exemplo ilustrativo. Dan-el foi o Latin Salutatorian¹¹ de 2006 na Universidade de Princeton, na qual se especializou em Estudos Clássicos, graduando-se com as mais altas distinções. Ele é um migrante dominicano negro que cresceu no Bronx com sua mãe e irmãos. O pai retornou para a República Dominicana e nunca mais saiu de lá. A família de Dan-el alternou períodos como sem-teto com estadias em abrigos e habitações sociais. Durante toda sua trajetória, ele frequentou as piores escolas públicas do Bronx. Uma professora da *junior high school* deu-lhe um livro sobre os clássicos e esse pequeno gesto colocou-o no caminho. O menino persistiu, formou-se na *high school* com altas distinções e foi admitido em Princeton. Após proferir seu discurso em latim, em maio de 2006, anunciou que ele mesmo era um estrangeiro ilegal.

O que salvou o dia no caso de Dan-el, mais uma vez, foi o sólido *status* de classe média da família na República Dominicana. Embora negros, ambos os pais tinham educação universitária e o pai havia sido um importante funcionário antes de perder o emprego em uma mudança de governo. Ele se recusou a permanecer nos Estados Unidos, onde se via lidando no futuro com trabalhos humildes que considerava abaixo da sua dignidade. Em ambos os casos, foram as mães que migraram e enfrentaram a vida em circunstâncias funestas nos Estados Unidos pelo bem dos filhos. Apesar das terríveis condições de vida no Bronx, Dan-el sempre manteve viva a lembrança da vida e da escolarização em seu país nativo. Quando aquela professora lhe deu o livro sobre os clássicos, ele entendeu integralmente o que aquilo significava.

O capital cultural trazido do país de origem é um corolário da aculturação seletiva. Tomando como referência o modelo teórico da Figura 2, fica

11. Título honorífico tradicionalmente concedido pela Universidade de Princeton ao segundo melhor graduando daquele ano, geralmente um aluno de Estudos Clássicos que tenha obtido a segunda maior nota entre todos os formandos na instituição. Como parte da cerimônia, o formando é chamado a proferir um discurso em latim, daí o título *Latin Salutatorian* (N. T.).

claro que a aculturação dissonante priva os jovens desse recurso conforme eles perdem contato ou mesmo rejeitam a língua e a cultura de seus pais. Quaisquer recursos que estejam incorporados nessa cultura são efetivamente dissipados. A aculturação consonante é menos problemática, mas, como pais e filhos esforçam-se para se americanizar o mais rápido possível, é improvável que as memórias familiares e os costumes do país de origem possam ser utilizados seja como uma âncora, seja como um ponto de referência. É apenas no percurso seletivo da adaptação intergeracional que encontramos uma plataforma a partir da qual é possível fazer total uso dos recursos trazidos de fora.

Conclusão

Muito em breve, um em cada quatro de todos os jovens norte-americanos será um imigrante ou filho de imigrante. Essa população emergente não pode ter senão um profundo efeito em toda a sociedade e especialmente nas cidades e regiões onde se concentra. Seguindo a orientação da teoria clássica da assimilação, alguns estudiosos anteciparam um prognóstico altamente otimista sobre o futuro desta população: os filhos dos imigrantes assimilarão os costumes ingleses e norte-americanos, ascenderão do ponto de vista educacional e ocupacional, e tomarão seu lugar de direito no seio da sociedade (cf. Alba e Nee, 2003).

Como vimos, há argumentos válidos para esse prognóstico, uma vez que a maior parte dessa população está conseguindo bons resultados escolares, além de evitar as armadilhas que podem frustrar seu progresso. Contudo, essa visão otimista desconsidera dois fatos: em primeiro lugar, uma minoria considerável *não está* conseguindo superar esses desafios; segundo, aqueles que não conseguem vêm predominantemente de alguns grupos de imigrantes e não de outros. Jovens de sexo masculino e feminino desses grupos também estão sendo assimilados, mas em setores da sociedade norte-americana que não conduzem à mobilidade ascendente. O conceito de assimilação descendente foi cunhado a fim de capturar esse processo.

A literatura contemporânea sobre pobreza e delinquência juvenil geralmente lida com os *resultados* desse processo. No entanto, ao apoiar-se em rótulos pan-étnicos – “asiáticos”, “hispanicos”, “negros” etc. –, essa literatura não é capaz de clarificar as raízes causais e a seqüência de eventos que levam a esses resultados nada invejáveis. Para fazê-lo, é preciso compreender as especificidades históricas de cada minoria nacional, incluindo as ca-

racterísticas da geração imigrante e o contexto político e social que eles encontram em sua chegada. Agregar vários grupos em categorias pan-étnicas a título de conveniência obscurece os processos causais em operação, em vez de esclarecê-los.

Os dados analisados neste artigo são mais apropriados para clarificar como o processo de assimilação segmentada efetivamente ocorre. Ele focaliza apenas a segunda geração e identifica nacionalidades individuais no interior desse processo. Resultados passados baseados nesses dados deram origem aos modelos teóricos apresentados nas Figuras 1 e 2. O artigo apresenta a síntese das mais recentes descobertas do ELFI, mostrando como o processo se desenvolve no tempo e quais são os efeitos que o contexto escolar, os resultados acadêmicos e a aculturação seletiva têm sobre ele.

Mostrou-se que esses efeitos são de dois tipos: primeiro, mediar ou reforçar os três determinantes exógenos indicados na Figura 1; segundo, identificar possíveis fatores compensatórios no processo de aculturação, levando à mobilidade ascendente. O primeiro conjunto de efeitos indica que os contextos escolares, em particular o *status* médio do corpo discente, têm uma influência incontestável nas trajetórias adultas, mesmo controlando-se as características familiares. Eles também mostram que resultados escolares – êxito acadêmico e ambição educacional – detêm um forte papel inibidor sobre a assimilação descendente, reforçando e às vezes mediando inteiramente o efeito do *status* socioeconômico dos pais e de famílias intactas.

Os resultados do estudo também apontam, finalmente, para os efeitos resilientes de certas origens nacionais, utilizadas como *proxy* para modalidades negativas de incorporação. Esses efeitos são imunes à mediação de características escolares ou resultados acadêmicos, e afetam diretamente a probabilidade de ocorrer assimilação descendente. O fato de um desses grupos em desvantagem, o dos México-americanos, ser, de longe, o maior de todos entre a segunda geração atual é digno de atenção e deveria brevar declarações otimistas superficiais acerca do futuro dessa população.

O segundo conjunto de efeitos toma como base os fatores intervenientes identificados na Figura 2 para mostrar como os elementos associados à aculturação seletiva podem reverter o poder de determinantes exógenos e levar, em casos excepcionais, ao sucesso educacional e ocupacional em contextos de severa desvantagem social. Esses fatores são associados, em primeiro lugar, à educação autoritária e ao impedimento da aculturação excessivamente rápida; segundo, à presença de outras pessoas realmente significativas e a programas de assistência externa; terceiro, à preservação e

ao uso de habilidades culturais e memórias familiares trazidas do país de origem.

Que lições práticas podem ser derivadas dessa análise? A primeira é a diferença que uma população imigrante segmentada pelo capital humano pode fazer. Se toda imigração contemporânea fosse composta por profissionais e empreendedores, a maior parte dos resultados negativos ligados à assimilação descendente desapareceria. Esse cenário não se materializará, porém, devido à crescente e persistente necessidade da economia norte-americana de trabalho manual mal remunerado (cf. Cornelius, 1998; Massey *et al.*, 2002). Essa demanda estrutural em vastos setores da economia, tais como agricultura, construção civil e serviços pessoais, virtualmente garante que imigrantes pobres e mal recebidos continuem a chegar. Enquanto eles trouxerem suas famílias consigo, persistirão os problemas associados ao baixo capital humano parental e a modalidades negativas de incorporação na adaptação dos filhos.

Segundo, a análise demonstra em termos reais como essas desvantagens iniciais se transformam em resultados objetivos. Enquanto mais de 40% dos jovens méxico-americanos da amostra encontravam-se sobrecarregados pela paternidade/maternidade precoce e 20% dos jovens do sexo masculino, oriundos do México, América Central e Índia Ocidental, já haviam cumprido sentença por um crime, apenas cinquenta casos, ou menos de 1% da amostra original, havia conseguido superar as conseqüências de ter crescido em condições de enorme desvantagem social. No longo prazo, esses resultados são inaceitáveis, uma vez que, se projetados no futuro, levariam a uma sociedade cada vez mais desigual, à expansão de áreas de pobreza associadas a determinadas etnias e à perpetuação do pesadelo urbano de crime, drogas, prisões e morte.

Terceiro, o ELFI mais recente identifica os fatores que podem fazer a diferença em nivelar o terreno para os filhos de imigrantes em situação de desvantagem. Tornar o sucesso menos excepcional entre essa população deveria ser uma política pública prioritária. As ferramentas para alcançar esse resultado estão à mão e consistem na criação e apoio de programas escolares voluntários, na promoção de padrões de aculturação seletiva pelas escolas, na criação de esquemas de incentivo para educadores que tenham interesse real no futuro e nas perspectivas de estudantes imigrantes. Empresas e empregados que lucram pesadamente com o trabalho imigrante também deveriam aceitar parte do encargo financeiro requerido para garantir que as crianças tenham ao menos a chance competitiva de alcançar o sonho americano. Tor-

nar a assimilação menos “segmentada” emerge da análise como um bem público a ser perseguido, não apenas pelo bem dos imigrantes, mas de toda a sociedade.

Apêndice: variáveis utilizadas na análise

	MÉDIA	MEDIANA	DESVIO PADRÃO	INTERVALO
ENDÓGENAS				
ÍNDICE DE ASSIMILAÇÃO DESCENDENTE (IAD)	0,58	0,00	0,86	0 a 6
Soma ponderada de seis eventos de adaptação negativa:				
Abandonou a <i>high school</i>				
Desempregado e fora da escola				
Ter filho(s) na adolescência				
Baixo rendimento familiar				
Ter sido preso(a)				
Ter cumprido sentença				
EXÓGENAS				
<i>Sociodemográficas</i>				
ORIGEM NACIONAL	%			
Cubana (escola privada)	3,5			
Cubana (escola pública)	19,9			
Nicaragüense	6,5			
Colombiana	4,2			
Filipina	15,6			
Chinesa ou coreana	1,8			
Vietnamita	7,0			
Jamaicana ou indiana ocidental	5,2			
Laosiana ou cambojana	4,8			
Haitiana	3,4			
Mexicana	14,4			
IDADE (EM ANOS)	24,23	24,00	0,86	22 a 28
SEXO	0,49	0,00	0,50	0 a 1
1 Masculino				
0 Feminino				
<i>Características familiares</i>				
ESTRUTURA FAMILIAR	0,63	1,0	0,48	0 a 1
1 Ambos os pais biológicos presentes				
0 Todos os outros tipos de família				
STATUS SOCIOECONÔMICO FAMILIAR	-0,06	-0,03	0,76	-1,66 a 2,09
(Soma padrão do grau de escolaridade do pai e da mãe; <i>status</i> ocupacional e condição de ocupação do domicílio)				

	MÉDIA	MEDIANA	DESVIO PADRÃO	INTERVALO
<i>Características escolares</i>				
STATUS SOCIOECONÔMICO DA ESCOLA (Menos 100% capacitados para oferecer almoço gratuito/merenda escolar)	54,54	61,10	24,44	0 a 92,30
ESCOLA MINORITÁRIA	0,42	0,00	0,49	0 a 1
1 60% ou mais de negros ou hispânicos				
0 59% ou menos de negros ou hispânicos				
<i>Desempenho acadêmico</i>				
GPA NA JUNIOR HIGH	2,52	2,58	0,91	0 a 4,96
GPA NA SENIOR HIGH	2,46	2,46	0,95	0 a 5,00
EXPECTATIVAS EDUCACIONAIS NA JUNIOR HIGH	4,10	4,00	0,97	1 a 5
0 Menos que a <i>high school</i>				
1 Terminar a <i>high school</i>				
2 Terminar alguma faculdade				
3 Terminar a faculdade				
4 Concluir uma pós-graduação				
EXPECTATIVAS EDUCACIONAIS NA SENIOR HIGH	4,19	4,00	0,90	1 a 5
1 Menos que a <i>high school</i>				
2 Terminar a <i>high school</i>				
3 Terminar alguma faculdade				
4 Terminar a faculdade				
5 Concluir uma pós-graduação				

Referências Bibliográficas

- ALBA, Richard & NEE, Victor. (1997), "Rethinking assimilation theory for a new Era of immigration". *International Migration Review*, 31: 826-74, Winter.
- ANDERSON, Elijah. (1993), "The ordeal of respect". Manuscript. Department of Sociology, University of Pennsylvania, Philadelphia.
- BERK, Richard. (1983), "An introduction to sample selection bias in sociological data". *American Sociological Review*, 48: 386-398.
- BLUESTONE, Barry & HARRISON, Bennett. (1982), *Advantage and disadvantage: a profile of American youth*. Hillsdale, NJ, Lawrence Erlbaum.
- CORNELIUS, W. A. (1998), "The structural embeddedness of demand for Mexican immigrant labor: new evidence from California". In: SUAREZ-OROZCO, M. (ed.). *Crossings: Mexican Immigration in Interdisciplinary Perspective*. Cambridge, Mass.,

- Harvard University Press/David Rockefeller Center for Latin American Studies, pp. 115-155.
- FERNÁNDEZ-KELLY, Patricia & KONCZAL, Lisa. (2005), “Murdering the alphabet’ identity and entrepreneurship among second-generation cubans, West indians, and Central americans”. Special issue of *Ethnic and Racial Studies*, 28: 1153-1181, nov.
- FREEMAN, Richard B. (2007), *America works*. Nova York, Russell Sage Foundation.
- GANS, Herbert. (1992), “Second-generation decline: scenarios for the economic and ethnic futures of the post-1965 American immigrants”. *Ethnic and Racial Studies*, 15: 173-192.
- GESCHWENDER, James A. (1978), *Racial stratification in America*. Dubuque, IA, William C. Brown.
- HAKUTA, Kenji. (1986), *Mirror of language: the debate on bilingualism*. Nova York, Basic Books.
- HALLER, William & LANDOLT, Patricia. (2005), “The transnational dimensions of identity formation: adult children of immigrants in Miami”. Special issue of *Ethnic and Racial Studies*, 28: 1182-1214, nov.
- HIRSCHMAN, Charles. (1970), *Exit, voice, and loyalty: responses to decline in firms, organizations, and states*. Cambridge, MA, Harvard University Press.
- _____. (2001), “The educational enrollment of immigrant youth: a test of the segmented assimilation hypothesis”. *Demography*, 38: 317-336, ago.
- KASINITZ, Philip, BATTLE, Juan & MIYARES, Ines. (2001), “Fade to Black? The Children of West Indian immigrants in South Florida”. In: RUMBAUT, R. G. & PORTES, A. (eds.). *Ethnicities: children of immigrants in America*. Berkeley, CA, University of California Press/Russell Sage Foundation, pp. 267-300.
- LONG, Scott J. (1997), *Regression models for categorical and limited dependent variables*. Thousand Oaks, CA, Sage.
- LOPEZ, David E. & STANTON-SALAZAR, Ricardo. (2001), “Mexican-Americans: a second generation at risk”. In: RUMBAUT, R. G. & PORTES, A. (eds.). *Ethnicities: children of immigrants in America*. Berkeley, CA, University of California Press/Russell Sage Foundation, pp. 57-90.
- LOURY, Glenn C. (1981), “Intergenerational transfers and the distribution of earnings”. *Econometrica*, 49: 843-867.
- MASSEY, Douglas S. & DENTON, Nancy. (1993), *American apartheid: segregation and the making of the underclass*. Cambridge, MA, Harvard University Press.
- MASSEY, Douglas S., DURAND, Jorge & MALONE, Nolan J. (2002), *Beyond smoke and mirrors: Mexican immigration in an Era of economic integration*. Nova York, Russell Sage Foundation.

- MASSEY, Douglas S. & HIRST, Deborah. (1998), "From escalator to hourglass: changes in the U.S. occupational structure: 1949-1989". *Social Science Research*, 27: 51-71.
- MATUTE-BIANCHI, Maria Eugenia. (1991), "Situational ethnicity and patterns of school performance among immigrant and nonimmigrant Mexican-descent students". In: GIBSON, Margaret A. & OGBU John U. (eds.). *Minority status and schooling: a comparative study of immigrant and involuntary minorities*. Nova York, Garland, pp. 205-247.
- OGBU, John U. (1987), "Variability in minority school performance: a problem in search of an explanation". *Anthropology of Education Quarterly*, 18: 312-334.
- PEAL, Elizabeth & LAMBERT, Wallace E. (1962), "The relation of bilingualism to intelligence". *Psychological Monographs: General and Applied*, 76: 1-23.
- PEREZ, Lisandro. (2001), "Growing up Cuban in Miami: immigration, the enclave, and new generations". In: RUMBAUT, R. G. & PORTES, A. (eds.). *Ethnicities: children of immigrants in America*. Berkeley, CA, University of California Press/Russell Sage Foundation, pp. 91-125.
- PERLMANN, Joel. (2004), "The Mexican-American second generation in census 2000: education and earnings". Paper presented at the Conference on the Next Generation: Immigrant Youth and Families in Comparative Perspective, Radcliffe Institute for Advanced Studies, Harvard University, out.
- _____. (2005), *Italians then, Mexicans now: immigrant origins and second generation progress 1890-2000*. Nova York, Russell Sage Foundation/Levy Economics Institute at Bard College.
- PORTES, Alejandro & HAO, Lingxin. (2002), "The price of uniformity: language, family, and personality adjustment in the immigrant second generation". *Ethnic and Racial Studies* 25: 889-912, nov.
- PORTES, Alejandro & JENSEN, Leif. (1989), "The enclave and the entrants: patterns of ethnic enterprise in Miami before and after Mariel". *American Sociological Review*, 54: 929-949.
- PORTES, Alejandro & RUMBAUT, Rubén G. (2001), *Legacies: the story of the immigrant second generation*. Berkeley, CA, University of California Press/Russell Sage Foundation.
- _____. (2005), "Introduction: the second generation and the children of immigrants longitudinal study". *Journal of Ethnic and Racial Studies*, 28 (6): 983-999.
- PORTES, Alejandro & STEPICK, Alex. (1993), *City on the edge: the transformation of Miami*. Berkeley, University of California Press.
- PORTES, Alejandro & ZHOU, Min. (1992), "Gaining the upper hand: economic mobility among immigrant and domestic minorities". *Ethnic and Racial Studies*, 15: 491-522.
- RUMBAUT, Rubén G. (1994), "The crucible within: ethnic identity, Self-Esteem, and

- segmented assimilation among children of immigrants”. *International Migration Review*, 28: 748-794.
- _____. (1995), “The new Californians: comparative research findings on the educational progress of immigrant children”. In: RUMBAUT, Rubén G. & CORNELIUS, Wayne A. (eds.). *California's immigrant children: theory, research, and implications for educational policy*. La JoUa, CA, Center for U.S.-Mexican Studies, University of California, San Diego, pp. 17-69.
- _____. (2005), “Turning points in the transition to adulthood: determinants of educational attainment, incarceration, and early childbearing among children of immigrants”. Special issue of *Ethnic and Racial Studies*, 28:1041-1086, nov.
- RUMBAUT, R. G. & PORTES, A. (eds.) (2001), *Ethnicities: children of immigrants in America*. Berkeley, CA, University of California Press/Russell Sage Foundation.
- UNZ, Ron. (1999), “California and the end of white America”. *Commentary*, 18: 17-28, nov.
- VIGIL, Jaime D. (2002), *A rainbow of gangs: street cultures in the mega-city*. Austin, TX, University of Texas Press.
- WALDINGER, Roger & PERLMANN, Joel. (1998), “Second generations: past, present, and future”. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 24: 5-24.
- WALDINGER, Roger, LIM, Nelson & CORT, David. (2007), “Bad jobs, good jobs, no jobs? The employment experience of the ‘new’ second generation”. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 33.
- WESTERN, Bruce. (1998), “Institutions and the labor market”. In: BRINTON, M. C. & NEE, V. (eds.). *The new institutionalism in sociology*. Nova York, Russell Sage Foundation, pp. 224-243.
- _____. (2002), “The impact of incarceration on wage mobility and inequality”. *American Sociological Review*, 67: 526-546, ago.
- WESTERN, Bruce, BECKETT, Katherine & HARDING, David. (1998), “Systeme penal et marche du travail des Etats-Unis”. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 124: 27-35, set.
- WILSON, William Julius. (1987), *The truly disadvantaged: the inner city, the underclass, and public policy*. Chicago, The University of Chicago Press.
- ZHOU, Min & BANKSTON, Carl N. (1996), “Social capital and the adaptation of the second generation: the case of Vietnamese youth in New Orleans”. In: PORTES, A. (ed.). *The new second generation*. Nova York, Russell Sage, pp. 197-220.
- _____. (1998), *Growing up American: how Vietnamese immigrants adapt to life in the United States*. Nova York, Russell Sage Foundation.

Resumo

Filhos de imigrantes nos Estados Unidos

Este artigo resume um programa de pesquisa sobre a segunda geração de imigrantes iniciado no princípio dos anos de 1990 e completado em 2006. As quatro ondas de aplicação do Estudo Longitudinal sobre Filhos de Imigrantes (ELFI) são descritas e os principais modelos teóricos que emergiram dele são apresentados e resumidos de forma gráfica. Após considerar as abordagens críticas a essa teoria, apresentamos os mais recentes resultados desse programa de pesquisa longitudinal em forma de modelos quantitativos que prevêem a assimilação descendente no início da vida adulta e entrevistas qualitativas que identificam modos de escapar dessa condição por filhos de imigrantes em situação de desvantagem social. Os resultados quantitativos sustentam fortemente os efeitos previstos de variáveis exógenas identificadas pela teoria da assimilação segmentada e identificam os fatores intervenientes durante a adolescência que medeiam sua influência nos resultados obtidos na vida adulta. Evidências qualitativas, reunidas durante o último estágio do estudo, apontam para três fatores que podem levar a êxitos educacionais excepcionais entre jovens em situação de desvantagem social.

Palavras-chave: Segunda geração; Imigrantes; Assimilação; Aculturação; Estados Unidos.

Abstract

Children of Immigrants in the United States

This article summarizes a research program on new second-generation immigrants in the USA, begun at the start of the 1990s and completed in 2006. The four waves involved in the Children of Immigrants Longitudinal Study (CILS) are described and the main theoretical models emerging from this study are presented and summarized in graphic form. After considering the critical approaches to these theories, we present the most recent findings from this longitudinal research: (i) in the area of quantitative models, anticipating a downward assimilation at the beginning of adulthood; and (ii) in the area of qualitative interviews, identifying ways in which children of immigrants in a situation of social disadvantage manage to escape this condition. The quantitative results provide strong support for the effects of exogenous variables anticipated by the theory of segmented assimilation, and highlight the factors intervening during adolescence that mediate the influence of these variables during adult life. Qualitative evidence accumulated during the study's final phase point to three factors that may lead to exceptional educational performance among socially disadvantaged young people.

Keywords: Second generation; Immigrants; Assimilation; Acculturation; United States.

Texto recebido e aprovado em 30/11/2007.

Alejandro Portes, Princeton University. E-mail: port44@princeton.edu.

William Haller, Clemson University.

Patricia Fernández-Kelly, Princeton University.